

POR UMA CATEGORIZAÇÃO DAS TÉCNICAS ESPORTIVAS: UM DIÁLOGO ENTRE MARCEL MAUSS E GEORGES VIGARELLO

Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros

Universidad de la República

dmedeiros@cup.edu.uy

Flávia Martinelli Ferreira

Universidad de la República

fmartinelli@cup.uy

Envio original: 05-09-2022. Aceitar: 29-10-2022. Publicado: 09-10-2022.

Resumo

A história do corpo se impôs progressivamente na historiografia francesa, com publicações orientadas a discutir tal temática e tomá-la como objeto central de investigação. Apesar das mudanças nos estudos historiográficos, a história das técnicas corporais só mobilizou realmente os pesquisadores nos anos 1980. O objetivo do artigo é colocar em diálogo os apontamentos de Marcel Mauss, pioneiro nas investigações sobre as técnicas corporais, e de Georges Vigarello, que desenvolveu pesquisas historiográficas específicas sobre a temática. As discussões propostas por Mauss se estabeleceram de maneira bastante introdutória na antropologia, que, até a década de 1930, ainda não inseria o corpo como temática central de suas investigações. As categorias estabelecidas por Vigarello ampliam as anteriores, o que permitiu avaliar de maneira mais específica os avanços e evoluções das técnicas no âmbito esportivo. O grande valor de sua obra está, portanto, na síntese do tema e atualização das categorias, enriquecendo a reflexão. Conclui-se que não devemos descartar as definições elaboradas por Mauss, mas, identificar chaves analíticas para pensar o esporte, e, associando-as às categorias estabelecidas por Vigarello, investigar com mais precisão a evolução e transformação das técnicas esportivas.

Palavras-chave: Técnicas Corporais. Técnicas esportivas. História do Corpo. Marcel Mauss. Georges Vigarello.

Para una categorización de las técnicas deportivas: un diálogo entre Marcel Mauss y Georges Vigarello

Resumen

La historia del cuerpo se ha impuesto progresivamente en la historiografía francesa, con publicaciones orientadas a discutir este tema y a tomarlo como objeto central de investigación. A pesar de los cambios, la historia de las técnicas corporales no movilizó a los investigadores hasta los años 1980. El objetivo de este artículo es poner en diálogo los apuntes de Marcel Mauss, pionero en las investigaciones sobre técnicas corporales, y de Georges Vigarello, que desarrolló investigaciones historiográficas específicas en torno a la temática. Las discusiones planteadas por Mauss se establecieron de manera introductoria en la antropología, que hasta la década de 1930 no había elegido el cuerpo como tema central de sus investigaciones. Las categorías establecidas por Vigarello ampliaron a las anteriores, lo que permitió una evaluación más específica de los avances y evoluciones de las técnicas en el ámbito deportivo. El gran valor de su obra está, pues, en la síntesis del tema y la actualización de las categorías, enriqueciendo la reflexión. Concluimos que no debemos descartar las definiciones elaboradas por Mauss, sino, identificar claves analíticas para pensar el deporte y,

asociándolas a las categorías establecidas por Vigarello, investigar con mayor precisión la evolución y transformación de las técnicas deportivas.

Palabras clave: Técnicas Corporales. Técnicas deportivas. Historia del Cuerpo. Marcel Mauss. Georges Vigarello.

For a categorization of sports techniques: a dialogue between Marcel Mauss and Georges Vigarello

Abstract

The history of the body progressively imposed itself in French historiography, with publications oriented to discuss this theme and to take it as a central object of investigation. Despite the changes in historiographic studies, the history of body techniques only mobilized researchers in the 1980s. The purpose of this article is to discuss the ideas of Marcel Mauss, a pioneer in the investigation of corporal techniques, and Georges Vigarello, who developed specific historical research on the theme. The discussions proposed by Mauss were established in a very introductory way in anthropology, which, until the 1930s, did not insert the body as a central theme in its investigations. The categories established by Vigarello amplify the previous ones, which allowed a more specific evaluation of the advances and evolution of techniques in sports. Therefore, his work's great value is synthesizing the theme and updating the categories, enriching reflection. The conclusion is that we should not discard the definitions elaborated by Mauss but, instead, identify analytical keys to thinking about sport and, associating them to the categories established by Vigarello, investigate more precisely the evolution and transformation of sportive techniques.

Keywords: Body Techniques. Sports techniques. History of the Body. Marcel Mauss. Georges Vigarello.

Introdução

A história do corpo se impôs progressivamente na historiografia francesa ao longo dos últimos trinta anos, com publicações orientadas especialmente a discutir tal temática e tomá-la como objeto central de investigação (Vigarello, 2003; Corbin, Courtine, Vigarello, 2005a; Tamés, 2009; Le Goff, Truong, 2015; Lanoë, 2016). Ainda que essas mudanças no escopo das produções tenham se dado de forma recente, desde os anos 1930, antropólogos, sociólogos e historiadores vêm desenvolvendo investigações que, de alguma maneira, colocam centralidade nas problemáticas relativas ao corpo (Turner, 1994). Muitas dessas obras foram revisitadas apenas recentemente, e nos ajudam a explorar um terreno fértil para a construção de novas compreensões (Lanoë, 2016).

Dentre esses estudos, não se pode deixar de destacar as investigações de Norbert Elias a respeito do processo civilizador, com ênfase na forma como certas manifestações do corpo se tornaram indesejadas ao longo do tempo, e como a implementação de dispositivos técnicos acompanhou o desaparecimento de determinados gestos outrora centrais (Elias, 1993; 1994; Moraes e Silva *et. al.* 2014; Loudcher, 2020). Outra grande contribuição da mesma época para o tema foi a palestra de Marcel Mauss, “As técnicas do corpo”, proferida em 1934. Nessa fala – posteriormente transformada em capítulo de livro – o autor fornece uma chave analítica importante para compreender as ligações entre o

corpo e suas técnicas (Mauss, 2003). O tema, trabalhado por Mauss já nos anos 1930, foi bastante desenvolvido pela antropologia francesa – em acordo ou desacordo com as ideias do autor – mas, no âmbito da historiografia, foi pouco pensado (Lanoë, 2016). Apenas nos anos 1980, impulsionados por mudanças no próprio fazer historiográfico, historiadores franceses começaram a tomar a problemática com centralidade em suas obras. Marco importante dessa nova matriz de pesquisas é a coleção organizada por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello intitulada “*Histoire du Corps*” (Corbin, Courtine, Vigarello, 2005a; 2005b; 2005c). Na Inglaterra, também nessa época, Porter (2001) aponta uma “virada corporal” nas investigações, nas quais o corpo passa a tornar-se objeto de pesquisas sistemáticas no campo da história.

Apesar das mudanças descritas nos estudos historiográficos, que passaram a colocar centralidade nas pesquisas sobre o corpo, a história das técnicas corporais não alcançou o mesmo sucesso. De acordo com Robène (2014), essa subdivisão só mobilizou realmente os pesquisadores nos anos 1980, com trabalhos pioneiros de Pierre Arnaud (1983; 1986) e Georges Vigarello (1983; 1986; 1988). Em relação às técnicas esportivas, ainda menos trabalhos se dedicaram à temática, mesmo sendo difícil pensar o esporte longe de sua dimensão técnica e tecnológica (Robène, 2014). Um trabalho central nessa perspectiva, que coloca ênfase nas técnicas esportivas de maneira bastante inovadora, foi o livro de Georges Vigarello “*Une histoire culturelle du sport: Techniques d’hier... Et d’aujourd’hui*”¹, publicado em 1988.

Diante do exposto, e após situar as pesquisas historiográficas sobre o corpo e suas técnicas dentro de uma perspectiva temporal, esse ensaio analisa continuidades e rupturas em relação às análises das técnicas corporais, culminando nas investigações sobre as técnicas esportivas. Para tanto, o objetivo é colocar em diálogo os apontamentos de Marcel Mauss, realizados na década de 1930 e pioneiros nas investigações sobre as técnicas corporais, e de Georges Vigarello, que desenvolveu pesquisas específicas sobre a trajetória histórica das técnicas esportivas. Quais são os entrecruzamentos possíveis entre as proposições desses dois autores? Quais as disparidades basilares? Ainda: seriam as investigações realizadas por Mauss na década de 1930 úteis para pensarmos os problemas das técnicas esportivas na atualidade?

O ensaio proposto, baseado nas discussões desenvolvidas por Loudcher (2011) sobre a temática, se divide em quatro partes. No primeiro item, apresentamos a obra de Marcel Mauss e principalmente seu texto “As técnicas do corpo”, analisando seus principais apontamentos e limites interpretativos. Na segunda parte, as obras de Georges Vigarello – conferindo maior centralidade ao livro “Uma história cultural do esporte” – serão tomadas para pensarmos uma discussão mais específica

¹ Em português: Uma história cultural do esporte...técnicas de ontem e de hoje. A partir desse momento, nos referimos ao livro a partir da tradução de seu título.

sobre as técnicas esportivas. Um terceiro item busca estabelecer intersecções e disparidades entre as proposições dos autores analisados, e, na sequência, serão apontadas as conclusões desse frutífero diálogo entre os autores.

Marcel Mauss e as técnicas corporais

A construção social do corpo e das técnicas esportivas é estabelecida de diferentes maneiras, conforme as condições gestadas em uma determinada sociedade. Isto posto, gestos tornam-se mundialmente reconhecidos em um processo que tende a publicizar e universalizar elementos considerados como técnicos, alçando-os a um lugar de destaque. Podemos afirmar que o debate supracitado ganhou bastante relevância com as proposições de Marcel Mauss (1872-1950), sociólogo e antropólogo francês, em seu ensaio seminal sobre as técnicas do corpo publicado em 1934.

Em outra obra, publicada em 1925, posteriormente reconhecida como de maior expressividade – “O ensaio sobre a dádiva” – Mauss organizou ponderações a respeito dos seres humanos e desenvolveu a noção de fato social total, inaugurando a compreensão de qualquer realização dos sujeitos a partir de tríplice dimensão: sociológica, psicológica e fisiológica. Para o autor, estas dimensões constituem uma unidade e estão presentes nas experiências dos indivíduos localizados em qualquer sociedade. Neste sentido, propôs a compreensão dos fatos sociais enquanto dimensões totais de uma cultura.

Os rituais australianos estudados por Mauss (2003) são um exemplo de sua análise da expressão dos sentimentos que fornecem pistas sobre os significados de uma cultura particular. Estes rituais são marcados pela coletividade, repletos de simbolismo e realizados em cerimônias públicas. Para que tenham este caráter coletivo as cerimônias precisam expressar uma linguagem conhecida por todos. Com isso, o autor conclui também que estes atos simbólicos envolvem práticas e representações de um coletivo, já que compartilham e envolvem um sistema social. A partir de tais observações, é possível notar que Mauss (2003) inicia suas reflexões a respeito do corpo indicando serem as sociedades que obrigam certos usos corporais; argumenta, ainda, que suas utilizações são fenômenos sociais marcados pela obrigatoriedade, pela totalidade social, e não circunscritos apenas a questões fisiológicas ou psicológicas. De maneira similar, também são estudados os rituais de magia como uma ação simbólica e um veículo de comunicação. Analisada como fato social total, na perspectiva maussiana, portanto, magia é linguagem (Rocha, 2008).

Na direção do proposto a partir da noção de fato social total, Mauss (2003) cunhou outras noções como a de técnicas do corpo – que especialmente interessa neste ensaio – além de homem total,

dádiva, eficácia, imitação prestigiosa, dentre outras. Suas contribuições serão explicitadas ao longo do texto sempre e quando nos ajudarem a compreender e debater o tema das técnicas esportivas.

Baseando-se em pressupostos similares aos descritos na elaboração da noção de fato social total, quase uma década depois, Marcel Mauss refere-se à ideia de homem total em comunicação proferida em 1934. Com o termo homem total, Mauss (2003) apresenta a natureza indissociável do físico, psíquico e social do homem.

Em seu ensaio, dedicado especialmente ao corpo – “As técnicas do corpo” – explora os modos como os seres humanos, sociedade por sociedade, de forma tradicional, “sabem como servir-se de seus corpos” (Mauss, 2003, p. 401). O emprego da tradição remete à transmissão das técnicas corporais, entre gerações, que permitem que estas perpetuem ao longo de períodos. Esta capacidade de transmissão, inclusive, adjudica uma das especificidades da humanidade no trato do saber-fazer. No texto, o autor relembra que cometeu por alguns anos o erro fundamental de considerar que só existe técnica quando há instrumento. Explica, ao contrário, que o corpo é o primeiro instrumento do homem e é, antes de qualquer coisa, técnica. Para Mauss (2003), as técnicas que possuem eficácia são garantidas pela tradição e atualizadas a cada nova geração. Assim sendo, o corpo expressa “obrigatoriamente” diversos padrões sociais e culturais, como os rituais de um determinado grupo, as manifestações de dor, os procedimentos estéticos ou formas de caminhar. Embora Mauss não tenha concluído sua tese de doutorado a respeito da prece como um rito oral relacionado ao sagrado, tinha a intenção de relacionar sua execução com as técnicas corporais (Rocha, 2008). Neste ínterim, no momento da prece, o corpo é portador de diferentes significados e, também, de distintas técnicas corporais.

São as relações das esferas biológica, psicológica e social que envolvem os usos do corpo, em defesa das técnicas corporais como tradicionais. Mauss (2003), neste sentido, propõe uma análise que relativiza a ênfase biológica endereçada ao corpo, considerando-o, na verdade, uma construção cultural própria das sociedades. Os usos do corpo mencionados pelo autor ofereciam uma compreensão que visava superar resquícios de uma concepção dualista de corpo, mas, justamente, pela limitada profundidade teórica apresentada no texto, exhibe os mesmos resquícios que pretende superar, mantendo abalizadas as ideias de ser ou ter um corpo (Daolio; Rigoni, Roble, 2012).

Em que pese os limites anteriormente mencionados, ao declarar que o corpo é concomitantemente objeto original sobre o qual a cultura se desenvolve e ferramenta com a qual este trabalho se realiza, Mauss antecipa como o paradigma da corporeidade pode mediar questões duais fundamentais (Csordas, 2008). Assim sendo, a partir da obra do intelectual francês, o corpo pode ser entendido “(...) de uma vez, um objeto da técnica, um meio técnico e a origem subjetiva da técnica.” (Csordas, 2008, p. 109).

Há, ainda, outra noção presente no texto supracitado que contribui para pensarmos a historicidade das técnicas esportivas. Os dizeres a respeito da imitação prestigiosa – que somada às noções anteriormente mencionadas – compõem o importante legado de Marcel Mauss. Aprender gestos significa, também, imitar pessoas destacadas ou que, de certa forma, obtiveram sucesso. Neste sentido, podemos enumerar um sem número de categorias que podem servir como parâmetros ou modelos a serem alcançados, tais como: ser atlético, forte, famoso ou habilidoso. Entendendo que a noção de técnicas corporais e de imitação prestigiosa contribuem sobremaneira com a compreensão da historicidade das técnicas esportivas, apresentaremos a seguir um exemplo, sobre o caminhar das enfermeiras observadas por Marcel Mauss.

As noções apresentadas por Mauss (2003) acerca das técnicas do corpo foram elaboradas a partir de observações de seu próprio cotidiano, que o permitiram demonstrar que diferentes culturas justificam a presença de distintos direcionamentos do uso dos corpos. Segundo o autor, durante seu período em um hospital em Nova York, ocorreu-lhe uma espécie de revelação. As enfermeiras pareciam caminhar de uma maneira similar a outra, já conhecida por Mauss. Quando retornou à França, observou que as jovens francesas caminhavam exatamente da mesma maneira. Como seria possível? Mauss percebeu, então, que os modos de andar dos americanos começavam a chegar em distintos países através do cinema. O autor também exemplifica que há posições da mão, em repouso, convenientes ou não, e igualmente ensinadas. As posições, para o autor, ajudam a identificar a qual sociedade determinada criança pertence, distinguindo as posições da mão dos franceses ou ingleses. Neste sentido, Mauss (2003) percebe que pode generalizar a ideia dos usos dos corpos ao elaborar suas considerações a respeito das técnicas corporais, tradicionais e transmitidas de geração em geração – ou por meio das telas de cinema, como observou na década de 1930.

Além dos aspectos relacionados à educação ou a transmissão das técnicas corporais, Mauss (2003, p.405) apresenta a noção de imitação prestigiosa. Considerando que todas as crianças estão submetidas a uma mesma educação, explica que algumas delas “têm faculdades de imitação muito grandes”. O que ocorre, então, é uma imitação prestigiosa: a criança imita atos bem-sucedidos realizados pelos adultos que possuem determinada autoridade ou prestígio. Para o autor não só a educação, mas o prestígio ordena e autoriza o indivíduo imitador a reproduzir uma determinada técnica corporal.

Relacionada à noção de imitação prestigiosa advém a ideia de eficácia, última a ser apresentada no presente ensaio. Em sua obra, Mauss (2003) argumenta que os gestos respondem a certas demandas e adotam significados particulares para determinados grupos. Significa dizer que nem sempre as técnicas corporais serão eficientes do ponto de vista biomecânico e/ou estatístico, por outro lado, apresentam certa eficácia considerando os significados envolvidos na gestualidade. Por isso mesmo,

tornam-se igualmente tradicionais sendo transmitidas de geração em geração. De fato, Mauss (2003) não desenvolveu o que entendia por eficácia da técnica, nem mais adiante, ao classificar as técnicas corporais (De la Calle, 2012). São seus desdobramentos, após a publicação de seu texto, que dão conta de explorar e cunhar a noção de eficácia simbólica, reunindo tentativas de distintos autores.

Por fim, vale ressaltar que os avanços – e também os profusos limites – apresentados, acompanharam a literatura nestes quase cem anos após os desígnios germinais de Marcel Mauss. Nesse sentido, vale perscrutar as publicações que tomaram a noção de técnicas corporais, visando identificá-las, além de possibilidades outras de avançá-las. A seguir, apresentaremos as produções de Georges Vigarello a respeito das técnicas esportivas, possibilitando, por fim, um diálogo acerca das referidas proposições.

As técnicas esportivas: classificações propostas por Georges Vigarello

Durante muito tempo, em investigações sobre os esportes, pouco se falou sobre as transformações das técnicas esportivas (Chartier; Vigarello, 1982). Um olhar mais voltado a esse problema de investigação foi conferido pelo historiador Georges Vigarello, especialmente em seu livro publicado em 1988, “Uma história cultural do esporte: técnicas de ontem e hoje”. Nesta obra, o autor parte da proposição de que as técnicas corporais são maneiras de realizar determinadas tarefas, que buscam sempre ser mais eficazes, procurando relacionar tal definição às práticas esportivas.

Para Vigarello (1978; 2003) inúmeras são as maneiras de se referir ao corpo e de habitá-lo, e, além disso, ainda maiores são as maneiras de representá-lo ou dar-lhe forma. Nessa amplitude de classificações, o autor distingue pelo menos três grandes faces da existência corporal: o princípio da eficácia, ou seja, a capacidade de mobilização de recursos técnicos para ação corporal sobre os objetos; o princípio da propriedade, reiterado pela ideia do corpo como um terreno totalmente pessoal; e o princípio da identidade, que se refere à ideia de pertencimento do sujeito.

Em relação à eficácia, podemos pensar tanto ao nível das habilidades dos trabalhadores manuais quanto a saberes e práticas relacionados à manutenção do corpo. Ainda, o treinamento dos corpos para as práticas esportivas pode ser pensado sob essa égide: como permitir ao corpo mobilizar mais e melhores recursos para a execução de melhores tarefas?

As técnicas corporais empregadas para qualquer atividade – desde as esportivas até aquelas mais básicas, como caminhar – nos mostram muitos fatores ligados à repetição e à transmissão de saberes; ou seja, essas técnicas estão marcadas pelo tempo. Isso nos permite perceber também que essas técnicas se transformam e estão relacionadas com os saberes, com o desenvolvimento científico, com as sensibilidades e utensílios utilizados para realizá-la.

Vigarello (1986) apontou algumas questões importantes para reconhecermos e classificarmos essas transformações. Para o autor, uma das questões mais importantes da história das técnicas corporais é exatamente conhecer as razões de suas transformações, a partir de alguns questionamentos centrais: o que permite dizer que uma técnica evoluiu? Como é efetuada a passagem de uma técnica para outra? Em suma: quais são os princípios de essas transformações técnicas?

Para Vigarello (1986), há quatro modelos de evolução das técnicas corporais que merecem ser destacados. O primeiro deles é a lei de integração, ou seja, a incorporação possível de forças, de funções e de subgrupos corporais para a realização de uma mesma finalidade técnica. Sendo assim, uma evolução significaria a melhoria na unificação de elementos corporais anteriormente dispersos, que seriam integrados para a realização de um determinado movimento. Na sequência de suas reflexões, o autor apresenta as filiações diretas, ou seja, movimentos em que as técnicas corporais apresentam um avanço homogêneo em relação às anteriores, com padrões já bastante estabelecidos. Por essa lógica de continuidade, essa evolução aparece apenas quando o movimento é concluído, ou seja, quando há uma totalidade; é apenas nesse momento, em que todas as partes do corpo se submetem progressivamente a uma finalidade comum, que é possível perceber a evolução técnica caracterizada pela filiação direta. O terceiro modelo é o que o intelectual francês chama de variações restritas, definidas, nas suas palavras, como uma oposição às variações diretas: “nem tudo é uma simples acentuação de configurações existentes ou simples imitação de modelo. Como na evolução biológica, também existem mutações, divergências e reorientações” (Vigarello, 1986, p.4). Por fim, o último modelo apresentado pelo autor é a evolução das técnicas por rupturas, que se dá no momento em que a estrutura por si só é abalada e, por esse motivo, deve haver uma reorientação total da prática, em sua globalidade.

Essa definição inicialmente desenvolvida no artigo publicado por Vigarello em 1986 foi a base teórica para o desenvolvimento do livro “Uma história cultural do esporte”, editado em 1988. Nessa obra, o autor toma tais definições e desenvolve análises mais precisas envolvendo as práticas esportivas. Logo no início do livro apresenta uma justificativa para o desenvolvimento da obra: para ele, uma história das técnicas corporais ainda não existe, e não se pode perceber, tampouco, o interesse existente na criação desse campo de investigação. O autor segue afirmando que, no âmbito das investigações científicas, esse tema aparece como um supérfluo, nunca entendido como um espaço em que se pode analisar temas como a racionalidade, as lógicas temporais, as regularidades e, mais do que isso, seus imaginários culturais e usos sociais. (Vigarello, 1988).

A definição que o autor utiliza para técnica corporal é a mesma apresentada em obra anterior escrita em parceria com Jean Vivès (Vigarello, Vivès, 1983, p.45): “o conjunto de meios transmissíveis implementados para efetuar de maneira mais eficaz uma tarefa motriz dada”. Dessa forma, analisar as técnicas esportivas integra a constituição de uma história das técnicas do corpo, tema sobre o qual o

autor já se debruçava desde a segunda metade da década de 1970. Essas técnicas, como todas as outras, possuem uma história, informações acumuladas no tempo, transformações de ações e de instrumentos ao longo do seu desenvolvimento (Vigarello, 1988).

As análises de Vigarello sobre as técnicas esportivas no livro em questão partem dos mesmos pressupostos: assim como as técnicas corporais, as esportivas não são sempre as mesmas, transformando-se ao longo do tempo, especializando-se e cada vez mais se distanciando das técnicas corporais cotidianas. Há muitas maneiras de uma técnica se transformar, e ela pode transformar-se ainda por muitas razões. Tal fato acarreta dificuldades em estudar a técnica esportiva, dado que os elementos são tão variados. Para Vigarello (1988), existem duas lógicas nesse processo: uma delas imposta pelo meio, pela sociedade; e a outra mais intrínseca, ligada à própria questão biológica do corpo. Essas duas leis dividem as categorizações realizadas anteriormente pelo autor em seu texto de 1986 (Vigarello, 1986).

Associada às questões biológicas, pode-se pensar, por exemplo, na lei da integração. O autor usa como modelo o boxe: foi a partir das lutas de um boxeador norte-americano do final do século XIX, chamado Fitzimmous, que as pernas passaram a ser consideradas importantes na força com que se realizavam os golpes. Isso passou, então, a ser um componente importante da luta, corroborando a ideia de que é necessário somar forças corporais para a boa execução de uma técnica. Outro exemplo interessante foi a corrida de velocidade. As primeiras competições sintonizadas ao ideário do esporte moderno, realizadas ainda no século XIX, tiveram uma largada realizada em pé. Rapidamente percebeu-se que as partidas desde o solo faziam com que a força das pernas fosse envolvida de uma maneira mais eficiente. Ainda, o próprio alinhamento do corpo e o posicionamento das mãos foram transformados ao longo do tempo, permitindo uma mecânica dos movimentos que favorecia a melhoria dos tempos dos atletas. Muitas dessas transformações estiveram ligadas aos novos conhecimentos sobre o treinamento esportivo que foram sendo adquiridos ao longo de todo o século XX (Vigarello, 1988; Vigarello, 2005).

Além da lei de integração, os outros três modelos apontados pelo autor também são resgatados no livro: a lei da transposição de modelos, a partir de exemplos procedentes de práticas como o surfe, o skate e o windsurf, que reposicionam as práticas esportivas a partir da mudança de instrumentos; a lei da filiação direta, a partir de exemplos como o lançamento de peso e o ski, que obedecem a uma atualização homogênea e servem para acentuar características anteriores; e, por fim, a lei da ruptura, exemplificada com o salto em altura, que mudou totalmente de características a partir da adoção da técnica do rolo (Vigarello, 1988).

Para além das lógicas motoras internas, as inovações também se devem à transposição de modelos, ou seja, aos padrões de ação e/ou de comportamento que uma técnica toma emprestado de

outros campos. Os exemplos de Vigarello (1988) para essa transposição são diversos, desde as bicicletas, que tomaram emprestado o modo de cavalgar, até o lançamento de dardo, que tentou se inspirar no modelo do lançamento de discos, mas sem sucesso.

Outra lógica importante para pensar uma história das técnicas esportivas é a investigação progressiva dos mecanismos, com o aprofundamento do raciocínio operatório. Para esse entendimento abstrato do movimento – que envolve seus números e cálculos – Vigarello (1988) dá o nome de lei de abstração, chamando a atenção para o ganho de conhecimento que pode ser obtido de forma abstrata em relação às técnicas realizadas.

Na segunda parte desta obra, Vigarello (1988) se dedica a analisar a transformação do meio ambiente e seu impacto em relação às técnicas esportivas realizadas. Como, a partir da modificação dos utensílios, espaços, lugares, as técnicas corporais evoluíram? Na análise dos instrumentos, o intelectual francês reafirma que os materiais tiveram uma evolução considerável ao longo do tempo, com influência sensível sobre a motricidade. Para ele, as técnicas, muitas vezes, correspondem aos materiais de seu tempo. Como seria possível realizar um salto com varas com uma técnica contemporânea utilizando um material de pouca flexibilidade? Outro fator mencionado pelo autor em relação à evolução dos materiais diz respeito à contagem e arbitragem: como seria possível estabelecer um sistema tão complexo de pontuação, por exemplo, na esgrima, sem o desenvolvimento dos sistemas elétricos na década de 1950?

O lugar em que os esportes são praticados – tomando lugar aqui como uma categoria geográfica – também possuem bastante influência na técnica esportiva e, conseqüentemente, na performance. Bale (2003) aponta que isso se dá de distintas maneiras; uma delas organizada a partir da lógica de que o meio ambiente e suas graduais transformações acabam gerando diversificações nas performances dos atletas, ou seja, o ambiente físico de um lugar pode possuir características únicas que influenciam de sobremaneira o desempenho esportivo. Para o geógrafo, há uma gradual tendência em direção à neutralização dos efeitos do ambiente físico nos esportes (Bale, 2003). Um exemplo claro desse fenômeno é a natação: cada vez mais sua prática foi se distanciando de rios, lagos e lagoas para se aproximar das piscinas, maneiras mais estandardizadas de medir e quantificar as performances esportivas (Medeiros, 2022).

Os espaços, assim como os movimentos, se tornaram mais abstratos com o desenvolvimento das técnicas corporais. Os ginásios e estádios pouco a pouco substituíram os campos e salas de exercícios. Os materiais, que antes eram ancorados nas coisas mais cotidianas, foram tomados por um projeto mais formalizado de exercício (Bale, Vertinsky, 2004). Dessa forma, os espaços esportivos começaram a se caracterizar como lugares separados, marginalizados das ações banais que ocorrem nos locais que eram anteriormente utilizados para aquela prática. Podemos utilizar o skate para elucidarmos

tais questões. Ainda que as pistas reproduzam o espaço das ruas, as competições olímpicas, por exemplo, constroem obstáculos a serem utilizados pelos atletas. Embora seja um simulacro da vida cotidiana, sabemos que aquele espaço visa a prática de um esporte com regras rigidamente definidas. Reconhecemos, nesse caso, a passagem de um ambiente que era anteriormente familiar para um local planejado especificamente para a prática esportiva.

Ainda assim, as questões ambientais têm muita relevância nos esportes. Por conta de variados elementos do meio físico – declives, relevo, solo, vegetação, clima – alguns lugares podem ser mais afetados do que outros (Dill, 2013). Um jogo de futebol na altitude de La Paz, na Bolívia, gera efeitos totalmente diferentes nos jogadores, que precisam de adaptações orgânicas, técnicas e táticas para se adequarem às variações de altitude (Bartholo; Salvador; Soares, 2004). O calor excessivo também pode piorar o desempenho dos atletas, principalmente aqueles expostos diretamente ao sol. Há ainda o caso de esportes que demandam condições específicas para serem realizados, como os de inverno ou de praia.

O que Vigarello (1988) aponta, corroborado por Bale (2003), é que idealmente muitos esportes seriam melhor realizados em dias “sem tempo”, ou seja, dias que não possuem particularidades em seu clima; amenos, sem vento, sem chuva, sem sol. Essa condição, de desfiliar-se das questões da natureza, é mais que um desejo dos burocratas e dirigentes: é um projeto. É possível ver esse intento, utópico em determinada maneira, em marcha em muitos esportes, inclusive em modalidades em que isso parecia ser menos possível, como, por exemplo, o futebol, com o surgimento dos gramados sintéticos.

A vontade de estabelecer recordes e a necessidade de fazer comparações distância as práticas esportivas de um meio ambiente mais “natural”. Mesmo aquelas práticas realizadas na natureza, como mountain bike ou corridas de orientação, tem suas performances mediadas pelos parâmetros humanos. Por fim, o próprio regulamento merece ser mencionado, fator, conforme aponta Vigarello (2002), de alta importância na transformação das competições esportivas ao longo do tempo. A existência da renovação técnica depende de aspectos regulamentares que permitam que as mudanças ocorram ou não. Entretanto, a regra apenas confirma ou rejeita alterações que já vinham ocorrendo na prática, já testadas pelos atletas ou visualizadas a partir de novos instrumentos criados. A regra, em suma, não é uma entidade a-histórica; ao contrário, ela se compõe de um encontro de diferentes históricas, e mostra a força que determinada vertente tinha sobre as práticas. Em suma, o trajeto escolhido por Vigarello (1988) nessa obra, que celebra a evolução das técnicas esportivas, foi estabelecer categorizações para esses modelos, mostrar ser possível analisar linhas de evolução comparáveis e estabelecer de que forma o ambiente intervém nas técnicas esportivas e suas mudanças.

Na sequência, o presente ensaio estabelece lógicas de diálogo entre Marcel Mauss e Georges Vigarello, ao questionar: será possível pensar as técnicas esportivas associando os trabalhos apresentados pelos dois autores selecionados?

Limites e intersecções entre as definições de Mauss e Vigarello

Uma análise que engloba as perspectivas dos dois autores aqui elencados deve considerar, antes de outros apontamentos, a distância temporal entre eles, não permitindo, dessa forma, que se caia em uma comparação rasa que tangencia o anacronismo. Quando Vigarello escreveu suas obras sobre as técnicas corporais e esportivas, já havia uma tradição na própria historiografia francesa que tomava o corpo como objeto de investigação² (Lanoë, 2016). Dessa forma, sua construção discursiva se apoia em obras e referências que se constituíram anteriormente para estabelecer ideias sobre significados conferidos às técnicas corporais e, mais do que isso, de que maneira essa discussão poderia aportar a um debate que começava a se estabelecer nesse momento a nível francês (Loudcher, 2011). Em sentido oposto, as discussões de Mauss se estabeleceram de maneira bastante introdutória na antropologia, ciência que, neste momento, ainda não inseria o corpo como temática central de investigações, por mais que o tema circulasse em outros aportes da disciplina (Turner, 1994).

Como alertou Andrieu (2006), é necessário considerar o contexto da escrita e a possibilidade de analisar os significados das técnicas corporais em cada época. Loudcher (2011) afirma que, dados os limites do próprio tempo histórico, Marcel Mauss não poderia prever a centralidade que as técnicas corporais não produtivas – dentre elas, as esportivas – teriam na construção da vida contemporânea e, desta forma, pouco de sua análise foi destinada a compreender esse fenômeno.

Além das limitações já expostas nas análises de Mauss, autores que se propuseram a discutir as definições e sentidos das técnicas corporais na historiografia francesa endereçaram outras críticas às limitações de suas análises. Para Loudcher (2011), o problema central reside no fato de que suas proposições são deveras simplistas, o que não auxilia no desenvolvimento posterior de ideias e postulados sobre as técnicas corporais em outros campos do conhecimento. Tertrais (2018), de igual forma, considera que o título do artigo e as discussões anunciadas são muito mais poderosos do que a análise realmente feita. Além disso, o mesmo autor dá indícios de que considera a conjunção textual bastante colonialista, especialmente a partir dos exemplos elencados e das comparações feitas. Até mesmo Vigarello considerou que as análises de Mauss podiam ser consideradas ultrapassadas, já que não aportavam em categorizações centrais para os estudos a serem desenvolvidos (Andrieu, 2006).

² O próprio autor já havia escrito obras que tomavam o corpo em uma análise de suas gestualidades ao longo da história, como em seu célebre livro “*Le corps redressé*”, publicado em 1978.

Essas críticas apontam a grande diferenciação entre os estudos desenvolvidos pelos dois autores em questão: a forma de situar e definir categorias para delimitar as técnicas corporais e, mais do que isso, para analisar sua evolução histórica. Robène (2021) aponta que o texto germinal de Vigarello, publicado em 1986 na revista STAPS e onde primeiro foram traçadas categorias para pensar as técnicas corporais, fez parte de um projeto mais amplo que o autor dedicou à história cultural do corpo. Dessa maneira, foi possível sintetizar nesse texto – e ampliar posteriormente no livro avaliado neste ensaio (Vigarello, 1988) – os percursos de análises sobre o tema. Portanto, essas duas obras podem ser consideradas um passo importante nas renovações que marcam a abordagem histórica das práticas corporais e esportivas, exatamente porque inauguram uma abordagem científica que toma a noção de técnicas corporais e enriquecem suas definições e eixos de análise (Robène, 2021). Para Robène (2021), está condensado nessa questão o grande valor da obra de Vigarello, quer seja, sua capacidade de sintetizar um tema de investigação e de atualizar categorias.

Desse modo, sugerimos que uma possibilidade de entendimento e aproveitamento das proposições de Mauss seria utilizar as noções presentes em sua obra - sobretudo no texto “As técnicas do corpo” (Mauss, 2003) - como uma ferramenta para analisar fenômenos da contemporaneidade que, pelos motivos traçados, não foram pensados pelo autor. Dessa forma, corroborando Loudcher (2011), seria possível, assim sendo, a utilização de suas categorias para uma melhor compreensão das técnicas esportivas. A seguir, nos apropriaremos das ideias de Mauss como ponto de partida para pensar questões relacionadas ao nado e ao futebol.

Em sua introdução à noção de técnica do corpo, Mauss (2003) apresenta seu interesse histórico e etnográfico sobre o nado, justificado por suas observações direcionadas às mudanças das técnicas. O autor comenta que outrora o ensino do mergulho era realizado somente após o aprendizado do nado. Além disso, instruíam a mergulhar de olhos fechados para poderem abri-los apenas dentro da água. A técnica foi invertida anos depois, como assinalado por Mauss em 1934. Mauss (2003) conclui haver outra técnica de mergulho e uma outra relativa ao seu ensino, descobertas em seu tempo, que ensinam as crianças a familiarizar-se com a água em um primeiro momento. Além disso, acompanhou outra mudança completa de técnica: o nado a braçadas com a cabeça fora da água foi substituído pelo crawl. Dito exemplo, portanto, nomeia uma técnica corporal em distintos períodos, assinalando sua historicidade e sua característica fundamental: ser passível de mudanças.

Outro exemplo refere-se sobretudo à noção de imitação prestigiosa de Mauss, fruto de observações cotidianas das próprias autoras. No litoral no interior do Uruguai – na cidade de Paysandú – duas crianças brincavam na areia com uma bola. Uma delas parecia centrar-se mais em saltos na areia do que na bola, é verdade, enquanto a outra estava obstinada a realizar chutes com a bola parada. Depois de alguns minutos e tentativas, feliz com o último intento, a criança dá um salto e faz um

movimento com os braços de cima para baixo. O gesto, ordinariamente banal, representava na realidade as comemorações de um famoso e prestigiado (na perspectiva maussiana) jogador de futebol, o português e internacionalmente conhecido, Cristiano Ronaldo. Este exemplo destaca que determinados gestos são globalizados pela mundialização da cultura e, sobretudo, ganham força a partir do que Marcel Mauss nomeou como imitação prestigiosa. Para Mauss (2003), atos bem sucedidos de pessoas que possuem determinada autoridade ou prestígio, tendem a ser copiados. Tal fato pode auxiliar a compreensão da dinâmica de mundialização de técnicas esportivas ou, como exemplificado, justificar a presença do gesto de um jogador português imitado por uma criança nas areias de uma cidade no interior do Uruguai.

Notadamente, diversas técnicas presentes no campo esportivo não são eficientes, mas possuem determinada eficácia simbólica analisando os significados que envolvem sua produção e reprodução. Daolio e Velozo (2008) utilizam a finta no futebol para pensar a construção da técnica esportiva. Interessa pontuar que as fintas – em termos estatísticos – provavelmente não são o gesto mais recomendado, já que poucas são as tentativas que conduzem o jogador ou jogadora ao acerto. No entanto, para os autores, é o conjunto de significados envolvidos neste gesto – prazer, brincadeira, dominação do adversário, demonstração de habilidade – que culminaram na sua perpetuação no campo esportivo.

Fato é que pensar a historicidade das técnicas fará com que as mesmas, quando examinadas, não se enquadrem exatamente no esquema proposto por Mauss. Como exemplo, De la Calle (2000) apresenta uma comunidade do norte da Espanha que executa os mesmos gestos para passes de dança e para trabalhos de secar e recolher ervas durante o verão. Neste sentido, o esquema de Mauss - influenciado por um pensamento cartesiano que divide a vida em partes que, culturalmente, são indivisíveis - ao classificar e separar atividades cotidianas para falar de técnicas corporais se torna insuficiente. Além disso, para De la Calle (2000), fica ausente a capacidade criadora do gesto por parte dos sujeitos que ocupam um lugar subjugado à ideia de transmissão, sociedade por sociedade, e não são objeto de estudo da sociologia maussiana. De fato, ao retomarmos os exemplos sobre o nado e o futebol, a capacidade criativa do gesto não produtivo por parte dos sujeitos ocupa um lugar subordinado a fatores sociais externos e coercitivos.

Há, portanto, uma dupla interpretação das contribuições de Marcel Mauss para os estudos das técnicas corporais. No esforço sintetizador realizado neste ensaio, é possível perceber que, ao mesmo tempo em que suas análises são criticadas pela falta de elementos descritivos e de categorias centrais, há um reconhecimento de que elas serviram de base para os desdobramentos efetuados na sequência, incluindo-se as obras de Georges Vigarello. Estas análises serão reunidas e exibidas, a seguir, nas conclusões deste texto.

Conclusões

De acordo com Tertrais (2018), um novo olhar lançado pela historiografia francesa para o corpo a partir da década de 1970 e, posteriormente, para as suas técnicas, não ocorreu sem dar lugar a algumas das definições estabelecidas por Marcel Mauss. É inegável a originalidade do autor nesse aspecto, especialmente no que tange à abertura epistemológica do corpo para a interação biocultural, situando a incorporação do social na modificação da matéria do sujeito (Andrieu, 2006).

Dessa forma, procuramos trazer como elemento central suas análises sobre as técnicas corporais, elaboradas em meados da década de 1930, e colocá-las em diálogo com as posteriores definições de Georges Vigarello. Mais especificamente, procurou-se analisar as possibilidades de pensar as técnicas esportivas – constituídas por Vigarello como parte importante da discussão das técnicas corporais – a partir dos elementos trazidos por Mauss. Seguramente a ideia não foi aqui tratar suas proposições de maneira anacrônica, mas, pelo contrário, estabelecer novas chaves de análise para uma melhor compreensão das técnicas esportivas.

Nesse íterim, foi possível perceber que há intersecções entre as ideias postuladas por Mauss e Vigarello, ainda que o primeiro não tenha tratado do esporte especialmente. É fato na literatura francesa que todo o esforço instituído pelos historiadores no campo da história do corpo e da história das técnicas corporais passa em alguma maneira pelas definições de Mauss. Ao mesmo tempo, é possível perceber que as categorias estabelecidas por Vigarello avançam àquelas existentes anteriormente, o que permite avaliar de maneira mais específica as evoluções das técnicas no âmbito esportivo.

Por fim, apresentamos ponderações articuladas por Mauss para pensar o esporte, dentre elas a de técnicas corporais e de imitação prestigiosa. Predomina, na obra do autor, a ideia de transmissão das técnicas corporais, quer seja por formas de educar ou fruto de imitações, com poucas contribuições para pensarmos a capacidade criativa do gesto não produtivo e as técnicas esportivas.

O que podemos concluir desse exercício ensaístico é que, corroborando Loudcher (2011), não se deve descartar as definições anteriormente estabelecidas por Marcel Mauss, mas, ultrapassar algumas das propostas elaboradas pelo autor. Dessa forma, é possível identificar chaves de análise em seu texto para pensar o esporte, e, associando-as às categorias estabelecidas por Georges Vigarello, investigar com mais precisão a evolução e transformação das técnicas esportivas.

Referências

- ANDRIEU, B. (2006). Hétéro-réflexivité des techniques du corps : l'épistémologie physio-psychosociale de Marcel Mauss. **Le Portique – revue de philosophie et de sciences humaines**, n. 17, p. 1-11.
- ARNAUD, P. (1986). Objet culturel, objet technique, objet didactique. **STAPS**, n. 13, p. 43-55.
- ARNAUD, P.; BROYER, G. (1983). Des techniques du corps aux techniques sportives. In : **Psychopédagogie des activités physiques et sportives**. Toulouse: Privat, p. 135-160.
- BALE, J. (2003). **Sports Geography**. Taylor & Francis e-Library.
- BALE, J.; VERTINKSKY, P. (2004). Introduction. In: **Sites of sport: space, place, experience**. London: Routledge, 2004, p.1-7.
- BARTHOLO, T.L.; SALVADOR, M.A.S.; SOARES, A.J.G. (2004). O" futebol arte" e o" planejamento México" na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa. **Movimento**, v. 10, n. 3, p. 113-130.
- CHARTIER, R.; VIGARELLO, G. (1982). Les trajectoires du sport, pratiques et spectacles. **Le Débat**, v. 19, p. 35-58, 1982.
- CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. (Org) (2005a). **Histoire du corps. 1. De la Renaissance aux Lumières**. Paris : Seuil.
- CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. (Org) (2005b). **Histoire du corps. 2. De la Révolution à la Grande Guerre**. Paris : Seuil, 2005b.
- CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. (Org) (2005c). **Histoire du corps. 3. Les mutations du regard**. Paris: Seuil, 2005c.
- CSORDAS, T. (2008). **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- DAOLIO, J.; RIGONI, A.C.; ROBLE, O. J. (2012). Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 23, n. 3, p. 179–193.
- DAOLIO, J.; VELOZO, E.L. (2008). A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 9–16.
- DE LA CALLE, J. V. (2000). **Mudando la vida. Vida cotidiana y maneras de pensar en la pasieguería a finales del siglo XX**. Tesis doctoral en la Facultad de Ciencias Políticas y Sociología. UNED, España.
- DE LA CALLE, J. V. (2012). El gesto analógico. Una revisión de las “técnicas del cuerpo” de Marcel Mauss. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, n. 7, año 3, pp. 75-87.
- DILL, D.B. (2013). **Life, Heat, and Altitude**. Harvard University Press.
- ELIAS, N. (1993). **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar.

- ELIAS, N. (1994). **O processo civilizador: a sociedade dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar.
- LANOË, C. (2016). Corps et techniques, techniques du corps. In : CARNINO, G.; HILAIRE-PEREZ, L. ; KOBIJSKI, A (Org). **Histoire des Techniques: mondes, sociétés, cultures** (XVI – XVIII siècle). PARIS : Puf, 2016, p. 365-381.
- LE GOFF, J.; TRUONG, N. (2015). **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LOUDCHER, J.F. (2011). Limites et perspectives de la notion de technique du corps de Marcel Mauss dans le domaine du sport. **STAPS**, n. 91, p.9-27.
- LOUDCHER, J.F. (2020). Processo civilizador e transformações sociais: uma análise das teorias elisianas em relação às ciências sociais do esporte. **História: Questões & Debates**, v. 68, n. 2, p. 14-36.
- MAUSS, M. (2003). **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify.
- MEDEIROS, D.C.C. (2022). O processo de esportivização do remo na cidade de São Paulo (1899-1949). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 44, e009221.
- MORAES E SILVA, M. et. al. (2014). Norbert Elias e Michel Foucault: apontamentos para uma tematização relacional da noção de poder. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 11, n. 1, p. 254-275.
- PORTER, R. (2001). History of the Body Reconsidered. In: BURKE, P. (Org.). **New perspectives on historical writing**. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, p.230-260.
- ROBÈNE, L. (2014). L’histoire des techniques et des technologies sportives : une matrice « culturelle » franco-française de l’histoire du sport ? **Movement & Sport Sciences**, v.88, p. 93-104.
- ROBÈNE, L. (2021). À propos de l'article de Georges Vigarello, « Les techniques corporelles et les transformations de leurs configurations ». **STAPS**, H/S, p. 71-72.
- ROCHA, G. (2008). “Marcel Mauss e o significado do corpo nas religiões brasileiras”. **Interações – cultura e comunidade**, v.3, n.4, p. 133-150.
- TAMÉS, G.G. (2009). Aproximaciones a la historia del cuerpo como objeto de estudio de la disciplina histórica. **Historia y Grafía**, n. 33, p. 167-204.
- TERTRAIS, H. (2018). En guise de conclusion. Que faire des « techniques du corps » de Marcel Mauss ? **Outre-mers**, v. 106, n. 398, p. 135-143.
- TURNER, B. (1994). Avances recientes en la teoría del cuerpo. **Reis: Revista española de investigaciones sociológicas**, n.68, p.11-40.
- VIGARELLO, G. (1978). **Le corps redressé**. Paris: A. Colin.
- VIGARELLO, G. (1986). Les techniques corporelles et les transformations de leurs configurations, **STAPS**, v. 7, n.13, 19-22.

VIGARELLO, G. (1988). **Une histoire culturelle du sport** : Techniques d'hier... Et d'aujourd'hui. Paris: Éditions Robert Laffont S.A.

VIGARELLO, G. (2002). **Du jeu ancien au show sportif** : la naissance d'un mythe. Paris: Éditions Seuil.

VIGARELLO, G (2003). Histoire et modèles du corps. **Hypothèses**, v.1, n.6, p. 79-85.

VIGARELLO, G. (2005). S'entraîner. In: **Histoire du corps. 3. Les mutations du regard**. Paris: Seuil, p.197-252.

VIGARELLO, G.; VIVES, J. (1983). Technique corporelle et discours technique. **Revue EPS**, n. 184, p. 40-47.